

## Isócrates, Demóstenes e a comunicação de massa hoje

Roberto C. G. Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta as ideias sobre retórica de dois pensadores da Grécia antiga, Isócrates e Demóstenes, e analisa a comunicação de massa hoje à luz dessas ideias.

**Palavras Chave:** comunicação de massa – retórica – Grécia antiga – Isócrates – Demóstenes.

**Abstract:** This paper shows the ideas on rhetoric of two thinkers from Ancient Greece, Isocrates and Demosthenes, and analyses 21st century mass communication according to these ideas.

**Keywords:** mass communication – rhetoric – Ancient Greece – Isocrates - Demosthenes.

### Isócrates e o elogio da cultura geral

Isócrates (436-338 antes de Cristo) foi eminentemente um professor de retórica muito culto e influente na política de Atenas. Embora não pronunciasse discursos na Assembleia dos cidadãos nem se aplicasse à defesa ou à acusação de cidadãos julgados pelos tribunais populares – talvez devido à timidez de que era dotado –, ele possuía uma vasta clientela de alunos e compunha discursos que eram publicados e conhecidos por toda a cidade.

Nascido em Atenas, Isócrates teve como mestres Sócrates e Górgias. Essa formação aparentemente contraditória – fornecida pelo filósofo preocupado em conhecer as essências das coisas e pelo sofista para quem essas essências não existem – será responsável pela sua visão original da retórica, que o faz criticar tanto os sofistas como Platão e propor outro caminho para a arte da persuasão e a educação dos jovens.

Depois de prestar o serviço militar na Tessália, durante a última fase da Guerra do Peloponeso, Isócrates voltou para Atenas, onde passou a se dedicar à profissão de logógrafo – autor de discursos forenses, encomendados por pessoas sem dotes oratórios que precisavam se apresentar nos tribunais. Em 390 antes de Cristo, abandonando essa profissão, ele fundou a Escola de Retórica, também em Atenas – três anos antes de Platão inaugurar a Academia. Nela Isócrates passará o resto da sua longa vida, exercendo seu magistério e compondo seus discursos, dos quais cerca de 20 estão preservados, além de nove cartas.

Um desses discursos é o *Contra os sofistas*, que Isócrates compôs na inauguração da sua escola, em 390, e em que defende suas concepções de retórica e de *paidéia* – palavra grega que pode ser traduzida por educação ou formação humana. Sobre essas concepções se falará adiante.

Naquele mesmo ano, Isócrates escreveu o *Elogio de Helena*, com o propósito de mostrar que Górgias – autor de um discurso com título homônimo – havia feito não um elogio, mas uma defesa de Helena. Com isso, fez a distinção entre os tipos de discursos retóricos, que mais tarde Aristóteles sistematizará em três gêneros (deliberativo, judiciário e epidítico).

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de Teorias da Comunicação do Centro Universitário das Faculdades Integrada Alcântara Machado (Unifiam), em São Paulo.

Outro discurso é o *Panegírico*, composto em 380 antes de Cristo, que representa um bom exemplo da participação de Isócrates nos debates sobre a política ateniense. Nele, o fundador da Escola de Retórica faz um apelo à união das cidades gregas, sob a liderança de Atenas, com o fim de garantir a paz e a segurança de toda a Grécia. O pan-helenismo expresso já nesse texto das primeiras décadas do século IV antes de Cristo será sempre uma das marcas distintivas do pensamento isocrático.

Em 370, Isócrates escreve um discurso que tem importante significado para a história da teoria política. Trata-se de *A Nícocles*. Nícocles se tornou rei precoce da cidade de Salamina, na ilha de Chipre, sucedendo seu pai e seu irmão mais velho, que haviam sido assassinados. O objetivo de Isócrates, ao endereçar esse texto ao jovem soberano, é dar conselhos para que exerça um governo sábio e justo. Segundo o mestre da Escola de Retórica, o governante deve cultivar a virtude de tal modo que sua excelência supere as honras que lhe são dadas em função do cargo ocupado. Deve dar o exemplo de justiça, temperança e amor à pátria e aos cidadãos. Sua palavra precisa ter mais valor do que os juramentos. Nas relações internacionais, deve tratar os Estados fracos da mesma forma como gostaria que os Estados fortes o tratassem.

A importância de *A Nícocles* para a teoria política reside no fato de que esse discurso se tornou o primeiro de uma série de livros, escritos por diferentes autores ao longo dos séculos, com a mesma temática: dar conselhos ao príncipe. Essa série tem como ponto culminante a mais famosa obra desse gênero, *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, publicado em 1532.

No *Discurso sobre a paz*, de 356, Isócrates faz um apelo à concórdia entre os gregos, que estavam envolvidos em novo conflito – a chamada Guerra dos Aliados, deflagrada com a saída das cidades de Quios, Rodes, Cós e Bizâncio da Segunda Liga Marítima, criada havia duas décadas e liderada por Atenas. Percebe-se, nesse texto, uma mudança de política em Isócrates, pois, diferentemente do que propôs no *Panegírico*, ele não dá ênfase à liderança de Atenas, chegando mesmo a condenar a pretensão ateniense a um império naval.

Outro discurso que merece ser mencionado é o *Areopagítico*. Ele foi composto em 354, época em que Atenas vivia uma fase de decadência, quando a democracia mostrava fraquezas, o povo se achava desinteressado pela coisa pública e o exército estava desmantelado. Nesse contexto, Isócrates busca soluções para a democracia ateniense, expostas no *Areopagítico*.

Para Isócrates, os males da democracia ateniense só seriam vencidos com a restituição do poder político ao Areópago, o antigo conselho de anciãos que, no passado oligárquico da cidade, era o principal órgão de comando da cidade – e que, na época de Isócrates, embora continuasse a existir, tinha pouca ou nenhuma influência na vida dos cidadãos. No passado, lembra o mestre da Escola de Retórica, cabia a esse conselho supervisionar e conduzir os jovens, incitando-os a fazer o bem e evitar o mal. O Areópago – continua Isócrates – examinava a vida de cada cidadão, advertindo, admoestando e punindo de acordo com a necessidade. Essa era a razão por que, ainda de acordo com Isócrates, os jovens não passavam seu tempo nas casas de jogos ou entre os tocadores de flauta, atividades em que “eles empregam agora seus dias”, mas permaneciam fiéis às suas ocupações. É preciso restabelecer o velho conselho para que este proceda a uma reforma moral, obrigando os cidadãos a deixar as más ações e a praticar obras úteis à cidade, conclui Isócrates. Do mesmo ano do *Areopagítico*, 354, é *Antídosis*, um discurso autobiográfico.

Finalmente, cabe uma menção ao discurso denominado *A Filipe*, de 346, dirigido ao rei da Macedônia. Nele, Isócrates abandona definitivamente o ideal do *Panegírico* – em que Atenas é colocada acima de todas as demais cidades da Grécia –

e vê em Filipe o comandante militar capaz de unificar os gregos e liderar seus exércitos contra o inimigo comum, a Pérsia, garantindo a proteção da Grécia.

Esse discurso favorável à Macedônia teve lá seus efeitos. Os partidários do rei macedônio em Atenas se fortaleceram e o próprio Filipe – que desde que subiu ao poder, em 359, já esboçava o projeto de dominar toda a Grécia – se sentiu motivado a pôr em ação seus planos de expansão territorial.

Foi o que aconteceu em 338, na Batalha de Queroneia, em que o exército de Filipe derrotou as tropas gregas e se tornou o soberano de toda a Grécia, que passou a ser então um território anexado à Macedônia. As cidades gregas – entre elas, Atenas – perderam para sempre a sua independência. Ao ver o destino de sua *pólis*, subjugada por um Estado estrangeiro, Isócrates não resistiu à amargura. Conta-se que, profundamente desiludido, parou de se alimentar e se deixou enfraquecer até morrer.

Chegou o momento de expor a original concepção que Isócrates tem da retórica. Para ele, essa arte deve estar a serviço da *paidéia*, da educação dos jovens, o que constitui a grande preocupação do mestre da Escola de Retórica. Ele reconhecia que também os sofistas e Platão tinham essa preocupação – a formação do caráter dos atenienses –, mas discordava da educação proposta por eles.

Para Isócrates, a formação oferecida pelos sofistas é impossível, porque o seu ensino é vazio, composto por técnicas de argumentação e voltado apenas para fazer o aluno aprender a falar bem, a persuadir o público sobre qualquer assunto, sem nenhum conteúdo significativo. Já quanto a Platão, que concebia a busca da verdade das coisas como essencial para a formação do caráter, Isócrates considera que essa busca é vã e infrutífera, uma corrida interminável rumo a um objetivo incerto e inalcançável.

Como a retórica deve estar a serviço da educação, ela precisa ter um conteúdo profundo, significativo, útil para o jovem no seu dia a dia. Ou seja, não pode se assemelhar ao discurso vazio dos sofistas, mas seu conteúdo não pode ser a busca platônica pela verdade – inexistente, segundo Isócrates. Esse conteúdo deve ser aquilo que modernamente se chama cultura geral, incluindo principalmente as disciplinas de humanidades (literatura, poesia, história, sociologia, geografia e música, por exemplo). O conhecimento amplo, profundo dessas disciplinas é o que forma cidadãos dignos e corretos, beneficiando toda a cidade, diz Isócrates. Assim, segundo a concepção isocrática, a função da retórica – mais do que simplesmente persuadir um público – está ligada à transmissão da cultura geral.

É interessante perceber que esse conceito de retórica tem origem na formação aparentemente contraditória de Isócrates, como citado no início deste texto. Ele parece ter sido desenvolvido a partir da assimilação e adaptação de características herdadas do filósofo em busca das essências das coisas, Sócrates, e do sofista adepto do relativismo, Górgias. Do sofista de Leontini vêm a concepção de que as verdades absolutas não existem – e que, portanto, a sua busca é vã – e a ideia de que o discurso precisa encantar e ter utilidade para aquele que o ouve. De Sócrates, ele obtém a noção de que o discurso não pode ser vazio, como a retórica sofística, mas deve ter um conteúdo significativo, que será responsável pela formação do discípulo. E esse conteúdo – aqui se trata de uma contribuição original de Isócrates – deve ser a cultura geral.

Essa formação em cultura geral, principalmente em humanidades, segundo Isócrates, é o que deveria se denominar “filosofia”. Em sua época, a definição de filosofia ainda não estava estabelecida. A ideia de que a filosofia significa busca da verdade, como hoje se pensa, é resultado do predomínio do pensamento de Platão na cultura ocidental. Se o conceito isocrático tivesse prevalecido, hoje a filosofia seria equivalente a “conhecimentos gerais”, como pensava Isócrates.

Entretanto, se o conceito de filosofia na sociedade ocidental remete a Platão, na educação predomina a concepção isocrática. Pois o ensino ministrado hoje nas escolas não está voltado para a busca de verdades eternas – e nem para o aprendizado de técnicas retóricas, que constituía a base da *paidéia* sofística. No ensino fundamental e médio hoje são oferecidos conhecimentos gerais – como propunha Isócrates.

A atualidade do mestre da Escola de Retórica é verificada também no conselho dos pais aos filhos – que sempre são exortados por eles a estudar “para ser alguém na vida” – e no discurso dos políticos, principalmente às vésperas de eleições, para quem “educação é fundamental para o desenvolvimento da sociedade”. Essas falas de pais e políticos ecoam o pensamento de Isócrates, que insistia na necessidade de transmitir cultura geral aos jovens – função da retórica –, porque é isso que forma o seu caráter e beneficia toda a comunidade.

Se inspirada nessas ideias de Isócrates, a comunicação hoje deveria estar fortemente baseada no chamado jornalismo cultural. Esse tipo de jornalismo é o espaço privilegiado para a transmissão de um conteúdo profundo, de qualidade, que pode enriquecer os indivíduos e – nas palavras do mestre – formar cidadãos dignos. Principalmente no Brasil, em que a escola pública tem sérias deficiências para exercer sua função de educar crianças e jovens, a comunicação deveria suprir essa premente necessidade. Apesar disso, o que se verifica é o enfraquecimento do jornalismo cultural no país. Inspirando-se em Isócrates, pode-se dizer que é preciso um forte desenvolvimento do jornalismo cultural no Brasil, pois ele é fundamental para a formação moral e intelectual do povo brasileiro.

### **Demóstenes e o cidadão consciente**

Considerado o maior orador da Antiguidade, Demóstenes (384-322 antes de Cristo) tem o seu conceito de retórica indissociavelmente ligado à situação de Atenas, sua cidade natal, que ele amava com genuíno patriotismo. Diferentemente de Platão e Aristóteles, que são filósofos, e de Isócrates, um professor, Demóstenes é eminentemente um orador. Sua principal atividade cívica será discursar na *Ekklesia* – a assembleia dos cidadãos – com o objetivo de persuadir os atenienses a tomar as decisões que julga serem as melhores para a cidade, o que fez dele um dos políticos mais influentes de seu tempo.

Nascido numa família rica, Demóstenes perdeu o pai aos sete anos de idade, ficando sob a tutela dos primos Áfobos e Demofonte e de um amigo do velho Demóstenes, Terípides. Os três não honraram a tarefa de cuidar do menino: na prática, eles o deixaram aos cuidados da mãe, Cléobula, e ainda desviaram para si a herança paterna.

O pequeno Demóstenes não dava mostras de que viria a se tornar, no futuro, o grande orador de Atenas. Sofria até mesmo de gagueira. Para superar as dificuldades e aprender a falar com eloquência, recorria a métodos pouco convencionais, como discursar com pequenas pedras na boca diante dos estrondos das ondas do mar. Graças a esses esforços, Demóstenes teve condições de, com cerca de 20 anos de idade, acusar os três antigos tutores nos tribunais populares de Atenas. Defendendo sua própria causa diante dos cidadãos, conseguiu recuperar pelo menos parte da herança desviada.

Após essa primeira vitória, Demóstenes passou a se dedicar à carreira de logógrafo, o autor de discursos forenses. Exerceu essa função durante dez anos, período ao longo do qual a situação de Atenas se agravou. A cidade, que há décadas vivia uma fase de decadência, enfrenta a Guerra dos Aliados – a revolta das cidades de Quios, Rodes, Cós e Bizâncio, que resolvem deixar a Segunda Liga Marítima, liderada

pelos atenienses – e se enfraquece ainda mais. As finanças são cada vez mais precárias. Além disso, os atenienses agora têm um novo inimigo, mais ameaçador ainda do que a longínqua Pérsia: Filipe II, rei da Macedônia – reino situado ao norte da Grécia –, que, ao assumir o trono, em 359, já demonstrava o desejo de expandir seus domínios e conquistar todo o território grego.

Grande estadista e estrategista, Demóstenes percebeu muito cedo essa intenção de Filipe. Ao mesmo tempo, o orador via que os cidadãos atenienses estavam entregues a um comodismo e a um individualismo prejudiciais à cidade. Depois de cerca de 150 anos de experiência democrática, eles pareciam ter se acomodado às benesses do regime, exigindo todos os direitos que lhe cabiam, sem, no entanto, cumprir devidamente os seus deveres. Também haviam se desinteressado pelas coisas da cidade, preferindo se dedicar aos próprios negócios.

Para Demóstenes, esse desinteresse do povo era uma das razões por que Atenas enfrentava sérias dificuldades. Era preciso usar os seus dons retóricos para convencer os atenienses dos perigos que os ameaçavam e da necessidade de melhorar as condições da cidade. Foi a isso que Demóstenes dedicou sua retórica. Em vários de seus discursos, hoje preservados, ele aponta a ameaça macedônia e os riscos do comportamento apático dos atenienses, sempre buscando conscientizar os cidadãos dos seus deveres para com a cidade.

É o que ele faz, por exemplo, na primeira das chamadas *Filípicas*, como ficaram conhecidos os três discursos de Demóstenes contra Filipe. Datada de 351, a primeira *Filípica* já representa uma tentativa do orador de organizar a cidade e mobilizar o povo ateniense. No discurso, ele expõe um plano de ação contra o rei da Macedônia, sugerindo duas providências: a formação de uma esquadra que permaneça nas costas gregas, a fim de evitar as investidas de Filipe, e a constituição de um exército, menos numeroso mas de fácil locomoção, capaz de hostilizar o inimigo em seu próprio território.

Dois anos depois, em 349, Demóstenes pronunciou as três *Olintíacas*, discursos que se referem à cidade de Olinto, no norte da Grécia. Acontece que o orador percebeu a movimentação de Filipe, que ameaçava conquistar essa importante cidade da região da Calcídica. Se isso acontecesse, o rei fortaleceria seu poder, aumentando a pressão sobre Atenas. Nos discursos, Demóstenes traça um lúcido perfil do caráter e das intenções de Filipe e critica o que considera os mais graves defeitos da democracia ateniense, entre eles a inércia e a acomodação do povo. Persuadidos por Demóstenes, os atenienses chegaram a enviar expedições a Olinto, mas elas chegaram com atraso e não puderam evitar que a cidade caísse sob o domínio de Filipe.

Naquele mesmo ano, Demóstenes compôs o discurso *Sobre a organização financeira*. Nele, o orador não apenas propõe medidas para melhorar a situação das finanças de Atenas. Muito além disso, ele busca realizar uma verdadeira reforma moral do povo, para ele a maior necessidade da cidade. Nesse discurso, ele afirma: “Nunca é possível, creio, fazendo coisas mesquinhas e vulgares, ter pensamentos grandiosos e temerários, nem mesmo, fazendo coisas brilhantes e belas, ter pensamentos mesquinhos e pouco elevados”. Ou seja, o orador busca fazer com que o povo deixe de ter aquela mentalidade egoísta que o caracterizava e passe a pensar de forma diferente, colocando o interesse coletivo acima dos seus próprios interesses particulares.

Essa mesma exortação a uma transformação de caráter está presente na *Terceira Filípica*, pronunciada em 341. Nela, o orador afirma que os gregos do passado eram propensos à liberdade e, agora, estão conformados à escravidão. A causa dessa mudança, segundo ele, é que “havia na mente do povo algo que agora não existe”. Esse “algo” era o amor do cidadão por sua cidade, o ódio à corrupção e a

disposição para cumprir o seu dever. Tendo desaparecido esse caráter, tudo foi arruinado e a desordem se tornou predominante.

Outro motivo da crítica de Demóstenes aos atenienses se refere à audiência que estes davam àqueles oradores cujo único objetivo era falar coisas agradáveis – e não coisas úteis e necessárias. Segundo ele, esses oradores, ao buscar apenas agradar e bajular os ouvintes, contribuíam para tornar os cidadãos ainda mais acomodados, inertes, apáticos e desinteressados. Ironicamente, Demóstenes chega a dizer, em *Sobre a organização financeira*, que as orelhas dos atenienses precisam ser curadas, pois estão “enfermas” de tanto ouvir as mentiras e bajulações dos oradores.

Para ele, os oradores buscam agradar o povo ao invés de dar os melhores conselhos e, por isso, são a verdadeira causa dos males da cidade. “A cidade vai mal porque os oradores estão mais preocupados em saber como agradar o povo do que em verificar qual é, de fato, o interesse da cidade”, diz o orador na *Terceira Orintíaca*.

Para Demóstenes, o cidadão que resulta do ensino dos oradores atenienses é um ser corrompido, que abandonou as qualidades dos homens do passado e entregou-se à acomodação, ao prazer pessoal e à inércia. Isso fazia dele uma pálida sombra do ateniense de antigamente, tão dedicado à sua pátria e pronto a servi-la.

Ainda em *Sobre a organização financeira*, Demóstenes afirma que não é o orador que torna os atenienses bons ou maus. Ao contrário, são os cidadãos que fazem do orador aquilo que eles querem dele. Por isso, Demóstenes exorta o povo a não se deixar levar por aqueles que falam na Assembleia, sugerindo até mesmo que deixem de dar atenção a eles. Dessa forma, ou os oradores só farão discursos úteis à cidade ou se calarão, na falta de ouvintes.

Em outros discursos, Demóstenes faz uma comparação entre o discurso “útil” à cidade e a retórica dos oradores do seu tempo, sempre voltada para agradar e entreter os atenienses. Ao fazer essa comparação, traça um perfil daquele que, segundo ele, é o orador realmente necessário para Atenas. Na *Oração sobre a coroa* – famoso discurso pronunciado em 330 antes de Cristo, em que justifica as políticas que defendeu ao longo de sua vida –, Demóstenes afirma que o orador deve pressentir as questões mais importantes para a cidade e anunciá-las. Deve também contribuir para reduzir as “falhas naturais da democracia”, como a lentidão e as hesitações do público, e conduzir a população à concórdia e ao cumprimento do dever.

Como se sabe, Demóstenes não conseguiu evitar o amargo destino contra o qual tanto lutou. Em 338 antes de Cristo, na Batalha de Queroneia, Filipe derrotou os exércitos gregos e se tornou o senhor de toda a Grécia, que passou a ser um território da Macedônia. Mesmo assim, o uso que ele fazia da retórica – sempre em favor do legítimo interesse da cidade e voltada para a conscientização do cidadão – se transformou num modelo que atravessou os séculos e, ainda hoje, constitui um exemplo útil para refletir sobre os meios de comunicação.

Vários aspectos do pensamento de Demóstenes sobre a retórica podem ser aplicados atualmente na comunicação de massa. A começar do trabalho do comunicador. Se este se basear nas ideias do autor das *Filípicas*, certamente será um profissional que busca identificar os problemas da sociedade, alertar a população sobre eles e propor soluções para resolvê-los, mesmo que isso contrarie a vontade do público. Em outras palavras, será um profissional realmente útil à sociedade, a serviço do interesse público, como diria Demóstenes.

É preciso notar que, atualmente, o que predomina na sociedade é exatamente aquele tipo de comunicação voltada para agradar o público – equivalente ao discurso dos oradores tão criticados por Demóstenes. Tanto que o pensador francês Edgar Morin, no livro *L'esprit du temps*, classifica a cultura de massas como uma “cultura de

lazer”. Pode-se acreditar que ela produza o mesmo tipo de cidadão formado por aqueles oradores da Grécia antiga: um cidadão inerte, acomodado, desinteressado e desejoso apenas de ser bajulado. Talvez um dos trabalhos mais importantes do comunicador hoje seja justamente tirar esse cidadão de tal situação e conscientizá-lo de seus deveres para com a sociedade.

Demóstenes contribuiu também para a reflexão sobre o controle da qualidade das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação atuais. Assim como ele exortava os atenienses a não dar atenção para a retórica bajuladora dos oradores – que, dessa forma, só falariam coisas úteis ou, por falta de alguém disposto a ouvi-los, se calariam –, também hoje o público tem um importante papel na definição do que as emissoras de televisão, por exemplo, exibem em sua programação. Os programas atuais tendem a ter baixa qualidade porque existe um público ávido por consumir tais produtos. Se esse público exigisse programas de qualidade, certamente as emissoras mudariam sua programação para atender a essa exigência. Também nesse aspecto o comunicador tem uma função a cumprir: a conscientização dos cidadãos, que precisam ser educados para determinar a qualidade da comunicação que lhe é oferecida.

Junto com sua cidade, que acabou dominada pela Macedônia, Demóstenes fracassou – não em razão das políticas que defendeu, mas por causa da desorganização e do comodismo do povo ateniense. Tal fracasso pode ser também um ensinamento para os comunicadores do século XXI: é preciso conscientizar os cidadãos, torná-los conscientes de seus deveres para com a sociedade, fazê-los compreender que têm um importante papel a cumprir em favor da coletividade, pois a acomodação, a alienação e o descaso com a coisa pública podem representar a ruína da democracia. Esse é o maior legado de Demóstenes para a comunicação.

## **Bibliografia**

CASTRO, ROBERTO C. G. Comunicação na Grécia antiga – Reflexões para a mídia do século 21. São Paulo: Factash, 2013.

\_\_\_\_\_. *Demóstenes educador*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2003 (dissertação de mestrado).

DEMÓSTENES. *As três filípicas e Oração sobre as questões da Quersoneso*, tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DÉMOSTHÈNE. *Harangues I*, texte établi et traduit par Maurice Croiset. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

\_\_\_\_\_. *Harangues II*, texte établi et traduit par Maurice Croiset. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

EDWARDS, MICHAEL. *The Attic orators*. London: Bristol Classical Press, 1994.

EUSÉBIO, MARCOS SIDNEI. “Isócrates – A filosofia na penumbra”. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), 2000 (dissertação de mestrado).

ISÓCRATES. *Contra os sofistas*, tradução de Marcos Sidnei Eusébio in “Isócrates – A filosofia na penumbra”. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), 2000 (dissertação de mestrado).

ISOCRATE. *Aréopagitique*, in *Discours*, tome III, traduit par Georges Mathieu, Paris, Belles Lettres, 1950, p. 55-84.

JAEGER, WERNER. *Demóstenes – La agonía de Grécia*, traducción de Eduardo Nicol, México: Fondo de Cultura Económica, 3ª reimpresión, 1994.

PLEBE, ARMANDO. *Breve história da retórica antiga*, tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU/Edusp, 1978.

Recebido para publicação em 17-06-13; aceito em 15-07-13